

***"Pós-colonialismo, Nação e Império"***

Helder Macedo

Sala de Seminários, CES, 2º piso  
10 de Outubro, 15:00 – 17:00

**TEXTOS DE LEITURA**

## Citações de Sá de Miranda

### Carta a João Roiz de Sá de Menezes:

Destes mimos indianos  
Hei gram medo a Portugal. [...]

### Carta a El-Rei D. João III:

... Inda mal, com tantos meios,  
Para viver dos mais fracos  
E dos suores alheios.

Que eu vejo nos povoados  
Muitos dos salteadores,  
Com nome e rosto de' honrados;  
Vão quentes, andam forrados  
De peles de lavradores. [...]

### Carta a António Pereira, senhor do Basto, quando se partiu da Corte:

Não me temo de Castela  
Donde inda guerra não soa;  
Mas temo-me de Lisboa,  
Que, ao cheiro desta canela,  
O Reino nos despovoa. [...]

Entrou, dias há, peçonha  
Clara pelos nossos portos,  
Sem que remédio se ponha:  
Uns dormentes, outros mortos,  
Alguém pelas ruas sonha.

Fez no começo a pobreza  
Vencer os ventos e o mar,  
Vencer quasi a natureza;  
Medo hei de novo à riqueza,  
Que nos venha a cativar. [...]

Tereis em troca manjares,  
Composições delicadas,  
Umás por outras grosadas,  
Pelos tempestuosos mares  
A gram perigo buscadas. ...

... Ceias imigas da vida,  
Imigas más das fazendas; ...  
... Cousas de tanto sabor  
Para saberem tão mal! [...]

Quando os antigos a alguém  
Louvavam, não de senhor  
Nem de rico era o louvor,  
Chamavam-lhe homem de bem,  
E ainda bom lavrador.

A nossa gente que quis  
Arremedar nos louvores  
Que agora parecem vis,  
Aos bons reis Sancho e Dinis  
Chamaram-lhes lavradores. [...]

Os marinheiros vádios  
Que vilmente a vida apreçam,  
Pelas cordas dos navios  
Volteiam como bugios,  
Inda que vos al pareçam. [...]

## Écloga Basto:

Falas-me nos animais  
A que nós brutos chamamos,  
Que guardam leis naturais;  
Nós outros não nas guardamos,  
A isso obrigados mais.  
Estes homens com quem tratam,  
Não homens, mas liões bravos,  
Por força tudo rematam;  
Os liões não te resgatam,  
Não te vendem por escravos.

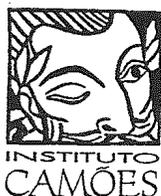
Para que mandem nem rejam,  
Não vão as águas tingidas  
Do seu sangue; se pelejam,  
Não alçam forcas erguidas,  
Onde às aves manjares sejam.  
Não tem repartida a terra  
Por marcos tão desiguais,  
De sangue e fogo, por guerra:  
Um possue de serra a serra,  
Outro nada, ou dois tojais. [...]

LUÍS  
DE  
CAMÕES

OS  
LUSÍADAS

LEITURA, PREFÁCIO, E NOTAS DE  
ÁLVARO JÚLIO DA COSTA PIMPÃO

APRESENTAÇÃO DE  
ANÍBAL PINTO DE CASTRO



OS LUSÍADAS

«A gente da cidade, aquele dia,  
(Uns por amigos, outros por parentes,  
Outros por ver sòmente) concorria,  
Saídosos na vista e descontentes.  
E nós, co a virtuosa companhia  
De mil Religiosos diligentes,  
Em procissão solene, a Deus orando,  
Pera os batéis viemos caminhando.

88 IV

«Em tão longo caminho e duvidoso  
Por perdidos as gentes nos julgavam,  
As mulheres cum choro piadoso,  
Os homens com suspiros que arrancavam.  
Mães, Esposas, Irmãs, que o temeroso  
Amor mais desconfia, acrescentavam  
A desesperação e frio medo  
De já nos não tornar a ver tão cedo.

89

«Qual vai dizendo: — «Ó filho, a quem eu tinha  
Só pera refrigério e doce emparo  
Desta cansada já velhice minha,  
Que em choro acabará, penoso e amaro,  
Porque me deixas, mísera e mesquinha?  
Porque de mi te vás, ó filho caro,  
A fazer o funéreo enterramento  
Onde sejas de pexes mantimento?»

90

«Qual em cabelo: — «Ó doce e amado esposo,  
Sem quem não quis Amor que viver possa,  
Porque is aventurar ao mar iroso  
Essa vida que é minha e não é vossa?  
Como, por um caminho duvidoso,  
Vos esquece a afeição tão doce nossa?  
Nosso amor, nosso vão contentamento,  
Quereis que com as velas leve o vento?»

91

OS LUSÍADAS

- 92 «Nestas e outras palavras que diziam,  
De amor e de piadosa humanidade,  
Os velhos e os mininos os seguiam,  
Em quem menos esforço põe a idade.  
Os montes de mais perto respondiam,  
Quási movidos de alta piedade;  
A branca areia as lágrimas banhavam,  
Que em multidão com elas se igualavam.
- 93 «Nós outros, sem a vista alevantarmos  
Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,  
Por nos não magoarmos, ou mudarmos  
Do propósito firme começado,  
Determinei de assi nos embarcarmos,  
Sem o despedimento costumado,  
Que, posto que é de amor usança boa,  
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.
- 94 «Mas um velho, d' aspeito venerando,  
Que ficava nas praias, entre a gente,  
Postos em nós os olhos, meneando  
Três vezes a cabeça, descontente,  
A voz pesada um pouco alevantando,  
Que nós no mar ouvimos claramente,  
Cum saber só d' experiências feito,  
Tais palavras tirou do experto peito:
- 95 — «Ó glória de mandar, ó vã cobiça  
Desta vaidade a quem chamamos Fama!  
Ó fraudulento gosto, que se atiça  
Cũa aura popular, que honra se chama!  
Que castigo tamanho e que justiça  
Fazes no peito vão que muito te ama!  
Que mortes, que perigos, que tormentas,  
Que crueldades neles experimentas!

OS LUSÍADAS

«Dura inquietação d' alma e da vida  
Fonte de desemparos e adultérios,  
Sagaz consumidora conhecida  
De fazendas, de reinos e de impérios!  
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,  
Sendo dina de infames vitupérios;  
Chamam-te Fama e Glória soberana,  
Nomes com quem se o povo néscio engana!

96 IV

«A que novos desastres determinas  
De levar estes Reinos e esta gente?  
Que perigos, que mortes lhe destinas,  
Debaixo dalgum nome preminente?  
Que promessas de reinos e de minas  
D' ouro, que lhe farás tão facilmente?  
Que famas lhe prometerás? Que histórias?  
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?

97

«Mas, ó tu, geração daquele insano  
Cujo pecado e desobediência  
Não sòmente do Reino soberano  
Te pôs neste desterro e triste ausência,  
Mas inda doutro estado mais que humano,  
Da quieta e da simples inocência,  
Idade d' ouro, tanto te privou,  
Que na de ferro e d' armas te deitou:

98

«Já que nesta gostosa vaidade  
Tanto enlevas a leve fantasia,  
Já que à bruta cruieza e feridade  
Puseste nome, esforço e valentia,  
Já que prezas em tanta quantidade  
O desprezo da vida, que devia  
De ser sempre estimada, pois que já  
Temeu tanto perdê-la Quem a dá:

99

100 «Não tens junto contigo o Ismaelita,  
Com quem sempre terás guerras sobejas?  
Não segue ele do Arábio a lei maldita,  
Se tu pola de Cristo só pelejas?  
Não tem cidades mil, terra infinita,  
Se terras e riqueza mais desejas?  
Não é ele por armas esforçado,  
Se queres por vitórias ser louvado?

101 «Deixas criar às portas o inimigo,  
Por ires buscar outro de tão longe,  
Por quem se despovoe o Reino antigo,  
Se enfraqueça e se vá deitando a longe;  
Buscas o incerto e incógnito perigo  
Por que a Fama te exalte e te lisonje  
Chamando-te senhor, com larga cópia,  
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia.

102 «Oh, maldito o primeiro que, no mundo,  
Nas ondas vela pôs em seco lenho!  
Dino da eterna pena do Profundo,  
Se é justa a justa Lei que sigo e tenho!  
Nunca juízo algum, alto e profundo,  
Nem cítara sonora ou vivo engenho  
Te dê por isso fama nem memória,  
Mas contigo se acabe o nome e glória!

103 «Trouxe o filho de Jápeto do Céu  
O fogo que ajuntou ao peito humano,  
Fogo que o mundo em armas acendeu,  
Em mortes, em desonras (grande engano!).  
Quanto melhor nos fora, Prometeu,  
E quanto pera o mundo menos dano,  
Que a tua estátua ilustre não tivera  
Fogo de altos desejos, que a movera!

«Não cometera o moço miserando  
O carro alto do pai, nem o ar vazio  
O grande arquitecto co filho, dando  
Um, nome ao mar, e o outro, fama ao rio.  
Nenhum cometimento alto e nefando  
Por fogo, ferro, água, calma e frio,  
Deixa intentado a humana geração.  
Mísera sorte! Estranha condição!»

104 IV

# LÍRICA

*Terceiro volume das Obras Completas*



I

O poeta Simónides,<sup>1</sup> falando  
 Co'o capitão Temístocles, um dia,  
 Em cousas de ciência praticando,  
 Ûa arte singular lhe prometia,  
 Que então compunha, com que lhe ensinasse  
 A se lembrar de tudo o que fazia;  
 Onde tão subtis regras lhe mostrasse  
 Que nunca lhe passassem da memória  
 Em nenhum tempo as cousas que passasse.  
 Bem merecia, certo, fama e glória  
 Quem dava regra contra o esquecimento  
 Que enterra em si qualquer antiga história.  
 Mas o capitão claro, cujo intento  
 Bem diferente estava, porque havia  
 As passadas lembranças por tormento,  
 — Ó ilustre Simónides! — dizia —  
 Pois tanto em teu engenho te confias  
 Que mostras à memória nova via,  
 Se me desses ùa arte que em meus dias  
 Me não lembrasse nada do passado,  
 Oh! quanto melhor obra me farias! —  
 Se este excelente dito ponderado  
 Fosse por quem se visse estar ausente,  
 Em longas esperanças degradado,  
 Oh! como bradaria justamente:  
 — Simónides, inventa novas artes;  
 Não meças o passado co'o presente!  
 Que, se é forçado andar por várias partes  
 Buscando à vida algum descanso honesto,  
 Que tu, Fortuna injusta, mal repartes;  
 E se o duro trabalho é manifesto  
 Que, por grave que seja, há-de passar-se  
 Com animoso espírito e ledto gesto;  
 De que serve às pessoas alembrar-se  
 Do que se passou já, pois tudo passa,  
 Senão de entristecer-se e magoar-se?  
 Se noutro corpo ùa alma se traspassa,  
 Não como quis Pitágoras, na morte,<sup>2</sup>  
 Mas como manda Amor, na vida escassa;  
 E se este Amor no mundo está de sorte  
 Que na virtude só dum lindo objecto  
 Tem um corpo, sem alma, vivo e forte;

Onde este objecto falta, que é defecto  
 Tamanho pera a vida que já nela  
 Me está chamando à pena a dura Alecto;  
 Porque me não criara a minha estrela  
 Selvático no mundo, e habitante  
 Na dura Cítia? Ou na aspereza dela  
 Ou no Cáucaso horrendo? Fraco infante,  
 Criado ao peito de algũa tigre hircana,  
 Homem fora formado de diamante,  
 Por que a cerviz ferina e inumana  
 Não submetera ao jugo e dura lei  
 Daquelle que dá vida quando engana.<sup>3</sup>  
 Ou, em pago das águas que estilei,  
 As que do mar passei foram do Lete,  
 Pera que me esquecera o que passei.  
 Que o bem que a esperança vã promete,  
 Ou a morte o estorva, ou a mudança,  
 Que é mal, que ãa alma em lágrimas derrete.  
 Já, Senhor, cairá como a lembrança,<sup>4</sup>  
 No mal, do bem passado é triste e dura,  
 Pois nasce aonde morre a esperança.  
 E se quiser saber como se apura  
 Nũa alma saudosa, não se enfade  
 De ler tão longa e mísera escritura.  
 Soltava Eolo a rédea e liberdade  
 Ao manso Favónio brandamente,  
 E eu já a tinha solta à saudade.  
 Neptuno tinha posto o seu tridente;  
 A proa a branca escuma dividia,  
 Co'a gente marítima contente.  
 O coro das Nereidas nos seguia;  
 Os ventos, namorada Galateia  
 Consigo, sossegados, os movia.  
 Das argêntas conchinhas, Panopeia  
 Andava pelo mar fazendo molhos;  
 Melanto, Dinamene, com Ligeia.  
 Eu, trazendo lembranças por antolhos,  
 Trazia os olhos na água sossegada,  
 E a água sem sossego nos meus olhos.  
 A bem-aventurança já passada  
 Diante de mim tinha tão presente,  
 Como se não mudasse o tempo nada.  
 E co'o gesto imoto e descontente,  
 E c'um suspiro profundo e mal ouvido,  
 Por não mostrar meu mal a toda a gente,  
 Dizia: Ó claras Ninfas! se o sentido  
 Em puro amor tivestes, e inda agora  
 Da memória o não tendes esquecido;  
 Se, porventura, fordes algũa hora  
 Aonde entra o grão Tejo a dar tributo  
 A Tétis<sup>5</sup> que vós tendes por Senhora.

Ou por verdes o prado verde enxuto,  
 Ou por colherdes ouro frutilante,  
 Das tágicas areias rico fruto;  
 Nelas em verso erótico<sup>6</sup> e elegante  
 Escrevei c'ũa concha o que em mim vistes:  
 Pode ser que algum peito se quebrante.  
 E contando de mim memórias tristes,  
 Os pastores do Tejo, que me ouviam,  
 Ouçam de vós as mágoas que me ouvistes.  
 Elas, que já no gesto me entendiam,  
 Nos meneios das ondas me mostravam  
 Que em quanto lhe pedía consentiam.  
 Estas lembranças, que me acompanhavam  
 Pela tranquilidade da bonança,  
 Nem na tormenta grave me deixavam.  
 Porque, chegando ao Cabo da Esperança,  
 Começo da saudade que renova,  
 Lembrando a longa e áspera mudança;  
 Debaixo estando já da estrela nova<sup>7</sup>  
 Que no novo hemisfério resplandece,  
 Dando do segundo axe certa prova;<sup>8</sup>  
 Eis a noite com nuvens escurece;  
 Do ar, supitamente, foge o dia;  
 E todo o largo Oceano se embravece.  
 A máquina do Mundo parecia  
 Que em tormentas se vinha desfazendo;  
 Em serras todo o mar se convertia!  
 Lutando, Bóreas fero e Noto horrendo  
 Sonoras tempestades levantavam,  
 Das naus as velas côncavas rompendo.  
 As cordas, co'o ruído, assobiavam;  
 Os marinheiros, já desesperados,  
 Com gritos pera o Céu o ar coalhavam.  
 Os raios por Vulcano fabricados  
 Vibrava o fero e áspero Tonante,  
 Tremendo os Pólos ambos, de assombrados!  
 Aji Amor, mostrando-se possante,  
 E que por nenhum medo não fugia,  
 Mas quanto mais trabalho, mais constante,  
 Vendo a morte diante, em mim dizia:  
 — Se algũa hora, Senhora, vos lembrasse,  
 Nada do que passei me lembraria. —  
 Enfim, nunca houve cousa que mudasse  
 O firme amor intrínseco daquelle  
 Em cujo peito ãa vez de siso entrasse.  
 Õa cousa, Senhor, por certa assele,  
 Que nunca Amor se afina nem se apura,  
 Enquanto está presente a causa dele.  
 Destarte me chegou minha ventura  
 A esta desejada e longa terra,  
 De todo o pobre honrado sepultura.

Vi quanta vaidade em nós se encerra,  
 E dos próprios <sup>9</sup> quão pouca, contra quem  
 Foi logo necessário termos guerra.  
 Que ãa ilha que o rei de Porcá tem,  
 E que o rei da Pimenta <sup>10</sup> lhe tomara,  
 Fomos tomar-lha, e sucedeu-nos bem.  
 C'ũa armada grossa, que ajuntara  
 O Vizo-Rei, de Goa nos partimos  
 Com toda a gente de armas que se achara.  
 E com pouco trabalho destruimos  
 A gente no curvo arco exercitada;  
 Com mortes, com incêndios os punimos.  
 Era a ilha com águas alagada,  
 De modo que se andava em almadias;  
 Enfim, outra Veneza trasladada.  
 Nela nos detivemos sós dois dias,  
 Que foram pera alguns os derradeiros,  
 Que passaram da Estige as águas frias.  
 Que estes são os remédios verdadeiros  
 Que pera a vida estão aparelhados  
 Aos que a querem ter por cavaleiros.  
 Oh! lavradores bem-aventurados!  
 Se conhecessem seu contentamento,  
 Como vivem no campo sossegados!  
 Dá-lhes a justa terra o mantimento;  
 Dá-lhes a fonte clara a água pura;  
 Mungem suas ovelhas cento a cento.  
 Não vêem o mar irado, a noite escura,  
 Por ir buscar a pedra do Oriente;  
 Não temem o furor da guerra dura.  
 Vive um com suas árvores contente,  
 Sem lhe quebrar o sono sossegado  
 O cuidado do ouro reluzente.  
 Se lhe falta o vestido perfumado,  
 E da fermosa cor assíria tinto,  
 E dos torçais atálicos <sup>11</sup> lavrado;  
 Se não tem as delícias de Corinto,  
 E se de Pário os mármoreos lhe faltam,  
 O piropo, a esmeralda e o jacinto;  
 Se suas casas de ouro não se esmaltam,  
 Esmalta-se-lhe o campo de mil flores,  
 Onde os cabritos seus, comendo, saltam.  
 Ali amostra o campo várias cores;  
 Vêem-se os ramos pender co'o fruto ameno;  
 Ali se afina o canto dos pastores;  
 Ali cantara Títiro e Sileno; <sup>12</sup>  
 Enfim, por estas partes caminhou  
 A sã Justiça pera o Céu sereno.  
 Ditoso seja aquele que alcançou  
 Poder viver na doce companhia  
 Das mansas ovelinhas que criou!

Este bem facilmente alcançaria  
 As causas naturais de toda a cousa:  
 Como se gera a chuva e neve fria;  
 Os trabalhos do Sol, que não repousa;  
 E porque nos dá a Lua a luz alheia,  
 Se tolher-nos de Febo os raios ousa;  
 E como tão depressa o céu rodeia;  
 E como um só os outros traz consigo;  
 E se é benigna ou dura Citereia.  
 Bem mal pode entender isto que digo  
 Quem há-de andar seguindo o fero Marte,  
 Que traz os olhos sempre em seu perigo.  
 Porém seja, Senhor, de qualquer arte;  
 Que, posto que a Fortuna possa tanto  
 Que tão longe de todo o bem me aparte,  
 Não poderá apartar meu duro canto  
 Desta obrigação sua, enquanto a morte  
 Me não entrega ao duro Radamanto,  
 Se pera tristes há tão leda sorte.

## **Leitura de Antero de Quental**

*Causas da Decadência dos Povos peninsulares*

[http://www.arqnet.pt/portal/discursos/maio\\_julho01.html](http://www.arqnet.pt/portal/discursos/maio_julho01.html)